



“E VEVERAM FELIZES PARA SEMPRE”: Análise de grafias não-convencionais de vogais pretônicas

Luciani Tenani*
Marília Costa Reis⁺

Introdução

Neste artigo, tratamos das grafias não-convencionais de vogais que, por se caracterizarem como registros de grafemas em discordância em relação à convenção ortográfica, costumam ser nomeadas de *erros ortográficos* – ou seja, são vistos como desvios em relação a uma norma padrão. Esses erros podem ser de dois tipos, a saber: a) *erros por transcrição fonética* – definidos como resultados de influência da fala na escrita, como a escrita de <i, u> onde a ortografia prevê, respectivamente, <e, o>, como “piqueno” e “buneca”; b) *erros por hipercorreção* – definidos pela generalização de uma regra ortográfica aprendida, como a escrita de <e, o>, onde a ortografia prevê, respectivamente <i, u>, como “enfância” e “fogir”. O posicionamento teórico que assumimos não partilha dessa classificação em razão da concepção de escrita adotada e, por conseguinte, de ortografia, de modo que, conforme sugerido pelo título, não tratamos de *erros ortográficos*, mas de *grafias não-convencionais*.

A escrita não é vista como modalidade da língua que se opõe à modalidade falada, nem como um sistema puro, invariável, em oposição à fala, heterogênea e variável. Assume-se o *modo heterogêneo de constituição da escrita*, proposto por Corrêa (2004) e, dessa perspectiva, a escrita é concebida como prática social, heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do

* Doutor em Linguística (UNICAMP) e Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, lutenani@ibilce.unesp.br

⁺ Mestre em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, mariliamcr@gmail.com



oral/falado e do letrado/escrito. Por meio desse trânsito, o sujeito-escrevente constrói diferentes representações da escrita, que dão pistas das relações (cambiantes) que estabelece entre o oral/falado e o letrado/escrito. Essa concepção de escrita leva-nos a assumir, também, a heterogeneidade da ortografia. Essa heterogeneidade se dá a partir das possíveis relações que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala. Sobre essas relações passamos a tratar na próxima seção.

A heterogeneidade da ortografia

A ortografia da Língua Portuguesa é estabelecida em forma de lei e, nesse sentido, escrever ortograficamente significa seguir leis de amplitude nacional (ou até internacional, no caso do acordo entre os países lusófonos¹). Ao ensinar ortografia, a escola – além de contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes – desempenharia um papel na formação cidadã dos estudantes, no que diz respeito ao cumprimento com a lei de seu país. As convenções ortográficas, juntamente com outras convenções, como as gramaticais (concordâncias e regências verbal e nominal, por exemplo) e as de uso dos sinais de pontuação, são regulamentadas pelas gramáticas normativas, constituindo, assim, aspectos de uma escrita institucionalizada, estabelecida a partir de uma concepção de escrita como planificação, pretendida a fim de unificar a escrita de um grupo social. Corrêa (2004), a respeito da escrita institucionalizada, aponta que a concepção de escrita como planificação “implica, de fato, censura ao que supostamente deve ser excluído na regulamentação da atividade linguística” (p. 182).

Para o estabelecimento da ortografia como lei, vários critérios foram utilizados. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a ortografia, como a

¹ Desde 1943, Brasil e Portugal visavam ao estabelecimento de uma ortografia comum. No entanto, somente em 1990, a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras chegaram a um consenso ortográfico, que contou com a adesão de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (posteriormente à sua independência, em 2004). No Brasil, o acordo vigora desde o início de 2009 e, em Portugal, desde 13 de maio do mesmo ano. Nos demais países lusófonos, ainda se espera sua implantação.



conhecemos, nasceu de uma espécie de escrita fonética, que “consiste em representar os sons da fala, exatamente como eles foram pronunciados” (p. 29). Como primeiros critérios da escrita, portanto, tomaram-se algumas das características segmentais da fala². Essas características não são homogêneas na língua, podendo haver, por exemplo, variação na realização de um mesmo segmento entre diferentes variedades linguísticas, entre falantes de uma mesma variedade ou, até mesmo, entre diferentes situações de uso da língua vividas por um mesmo falante. Essas variações levariam a uma grande possibilidade de registros gráficos se o critério fonético fosse o único a ser levado em conta. Por esse motivo, tornou-se necessária a criação da ortografia, ou seja, uma forma regulamentar única de grafar as palavras de uma língua (MASSINI-CAGLIARI e CAGLIARI, 1999, p. 29-30). Para a determinação dessa forma única, o critério fonético se manteve, no entanto, a partir da seleção de uma das variedades da língua (a variedade de mais prestígio social). A ortografia, portanto, ao apagar e homogeneizar as diferenças existentes entre variedades linguísticas (a partir da seleção de características fonéticas de apenas uma das variedades da língua), acaba por servir como forma de contenção da variação³. Do modo como é concebida, apesar de a ortografia ter nascido do registro de sons da língua falada, a soma de outros critérios no decorrer de sua história acaba por desfazer sua relação direta com a fala, ainda que se considerasse a variedade de prestígio, na qual foi baseada. Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 123) comentam que a escolha da ortografia de uma palavra é “*arbitrária* – isto quer dizer que tal forma pode representar a pronúncia de parte da população (como no caso da palavra ‘viver’) ou de ninguém (como no caso da palavra ‘muito’)” (grifos dos autores).

² Dentre as características fonéticas e fonológicas da fala, na escrita, são representadas algumas características segmentais e prosódicas. Por exemplo, no português do Brasil, há dois alofones para o fonema /d/, como se identifica em “[d]ia” e “[dZ]ia”, mas sua grafia será “dia”. Ou seja, nesse caso, é representado o fonema e não os seus alofones.

³ A afirmação de que a ortografia serviria para conter a variação advém do fato, comentado por Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p.31), de que “existe, na nossa sociedade, a crença de que a ortografia das palavras refletiria a pronúncia ‘correta’ das palavras”, de modo que, com o acesso à escolarização, o conhecimento da convenção ortográfica levaria a uma “correção” da própria fala.



Esse distanciamento da escrita em relação às características fonéticas dos segmentos da língua abriu espaço para critérios de natureza fonológica, estabelecendo relação entre os fonemas – que distinguem significado na língua – e os grafemas – que distinguem significado na escrita. Além disso, com vistas a manter registradas certas características da história da língua, houve, também, a consideração de critérios etimológicos, que acabam por garantir a identificação, por meio da escrita, de palavras distintas, como é o caso, por exemplo, de “descrição” e “discrição”⁴: nessas palavras, as vogais pretônicas têm a mesma realização fonética em vários dialetos da língua portuguesa, mas as palavras se distinguem entre si quanto ao significado, identificado, na escrita, pela grafia (determinada a partir de critérios etimológicos) de <e> ou <i> na sílaba pretônica.

Considerando esses diferentes critérios que constituem heterogeneamente a ortografia e partindo da concepção da *heterogeneidade da escrita*, assumimos, com Corrêa (2004, p. XXIV), uma “heterogeneidade que, sendo constitutiva da própria língua, afeta também a noção de norma e, em particular, de norma escrita culta”. Neste trabalho, assumimos uma visão da ortografia como heterogênea, desde a sua constituição, e explicitamos como os critérios observados na criação de uma ortografia para a língua portuguesa podem ser tomados como registros de representação social da escrita por estudantes que, à época da produção dos textos, cursavam a quinta série (sexto ano) do Ensino Fundamental (doravante, EF).

No caso dos critérios fonético e fonológico, que prevêm alguma relação mais direta com a fala, identificamos registros da gênese da escrita: “ao projetar um material significativo (o fônico) no outro (o gráfico)”, a ortografia “tende a identificar as duas modalidades” (CORRÊA, 2004, p. 83). No caso do critério etimológico, por se tratar de uma escolha (institucionalizada) para registrar certas características da história da língua e não outras, identificamos a representação do código escrito institucionalizado, que “reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (CORRÊA,

⁴ De acordo com o dicionário Houaiss (2009), “descrição” deriva do latim “*descriptio,ónis*” e “discrição” de “*discrétio,ónis*”.

2004, p. 165). Esses critérios que guiam as convenções ortográficas são, em certa medida, relacionados às *representações sociais da escrita*.⁵

A ortografia das vogais pretônicas e a variação linguística

A heterogeneidade constitutiva da convenção ortográfica torna as relações entre grafemas e fonemas não-biunívocas, tanto na escrita das consoantes, quanto na escrita das vogais. Neste trabalho, parte-se da premissa que algumas dessas relações não-biunívocas podem ser observadas, de maneira privilegiada, por meio de grafias não-convencionais das vogais pretônicas.

No que toca à escrita das vogais pretônicas no português no Brasil, essa não-biunivocidade é ilustrada na Figura 1.

Grafemas	Fones	Exemplos
<e>	—	[e] “desenho”
	↘	[i] “engenheiro”
<i>	—	[i] “ficar”
	↘	[o] “mostrar”
<o>	—	[o] “mostrar”
	↘	[u] “coelho”
<u>	—	[u] “lugar”

Figura 1. Relação não-biunívoca entre grafemas e fonemas

Os grafemas <i> e <u> receberam seus nomes a partir do som que, predominantemente, representam – [i] e [u], respectivamente –, bem como os grafemas <e> e <o> – [e] e [o], respectivamente⁶. A variação linguística desfaz, no entanto, a relação direta entre grafema e fonema, na medida em que a ortografia

⁵ Corrêa (2004), ao explorar a representação da escrita dos escreventes, em, no seu caso, vestibulandos, faz a seguinte colocação: “ao valorizar a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do interlocutor e de si mesmo, pretendo chegar a uma especificidade da experiência linguística que não traduz apenas a imagem que ele, individualmente, faz da escrita, mas uma representação adquirida do grupo de que faz parte, da escola que frequenta, do vestibular que presta...” (p. XXIV, grifos nossos)

⁶ Consideramos os nomes dessas letras como vogais médias-altas [e] e [o], embora também seja possível sua denominação como vogais médias-baixas [E] e [O], sobretudo nos dialetos das regiões norte e nordeste do Brasil.



estabelece uma única forma de grafar as palavras da língua, enquanto, na fala, há diferentes possibilidades de realização fonética, como é o caso das vogais médias em posição pretônica.

Na fala do interior paulista, região de São José do Rio Preto (doravante, SJRP), à qual pertencem os sujeitos desta pesquisa, em alguns contextos de sílaba pretônica, há variação entre [e ~ i] – como em “m[e]dida” ~ “m[i]dida” – ou entre [o ~ u] – como em “c[o]mendo” ~ “c[u]mendo”. As pesquisas já realizadas para essa variedade de fala (CARMO, 2009; SILVEIRA, 2008) identificaram que essas realizações variáveis de [e ~ i], para /e/, e de [o ~ u], para /o/, são decorrentes do fenômeno de *alçamento*. Por meio desse fenômeno, as vogais médias /e, o/ se realizam, respectivamente, como [i, u]. Há contextos de sílaba pretônica em que há aplicação categórica do alçamento e, embora fonologicamente sejam previstas as vogais médias /e/ e /o/, a realização fonética é geralmente [i] e [u] – como em “[i]ngenheiro” e “c[u]elho”. Além desses contextos passíveis de sofrerem alçamento, interessa a este trabalho palavras que tem sílabas pretônicas com as vogais altas /i, u/, cujas realizações são, respectivamente, [i] e [u] – como em “f[i]car” e “l[u]gar”.

Na escrita, as vogais pretônicas que investigamos poderão ser grafadas com <e, i, o, u>, a depender da convenção ortográfica da palavra. Por um lado, o fone [i] poderá ser grafado tanto com <e> (“engenheiro”), quanto com <i> (“ficar”); do mesmo modo, o fone [u] poderá ser grafado tanto com <o> (“coelho”), quanto por <u> (“lugar”). Por outro lado, na escrita, o grafema <e> poderá representar tanto o fone [e] (“desenho”), quanto o fone [i] (“engenheiro”); do mesmo modo, o grafema <o> poderá representar tanto o fone [o] (“mostrar”), quanto o fone [u] (“coelho”) ⁷.

Essa correspondência não-biunívoca entre grafemas e fonemas, na ortografia das vogais – uma das faces da constituição heterogênea da ortografia – leva os escreventes a dúvidas quanto à grafia de palavras que envolvem escolhas entre os grafemas <e, i, o, u>. Muitas dessas escolhas acabam por conduzir aos

⁷ Para a escolha dos exemplos, baseamo-nos em Silveira (2008) e Carmo (2009).



chamados *erros ortográficos*, que são tradicionalmente reduzidos a enganos ou falta de domínio das regras por parte do escrevente. Contrariamente a essa postura, conforme anunciado, essas grafias que fogem da convenção ortográfica serão tratadas como “preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem” (ABAURRE, FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1997, p.16). Sob este ponto de vista, essas grafias não-convencionais têm especial destaque neste trabalho, por serem entendidas como lugares privilegiados de observação da relação do sujeito com a linguagem, a partir do encontro que propõe entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito.

A seleção de dados

Como o objetivo deste trabalho é analisar grafias de <e, i, o, u> em posição pretônica, apresentamos, nesta seção, os critérios que conduziram a seleção dos textos dos estudantes do EF e das grafias não-convencionais.

Os textos selecionados pertencem ao “Banco de Produções Escritas do Ensino Fundamental II”, constituído por textos escritos de estudantes de sexto ao nono ano (quinta a oitava série, na época da coleta) do EF de uma escola estadual situada na cidade paulista de SJRP⁸. A escolha de textos de alunos de quinta série (sexto ano) foi pautada na consideração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Língua Portuguesa, segundo os quais os estudantes que concluíram a quarta série deveriam “escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases;” (PCN, 1987, p. 80, grifo nosso). Assim, esta pesquisa contribui, também, por investigar quais são as características de

⁸ O banco de textos é constituído a partir do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEx) da UNESP. O projeto, coordenado pelas professoras Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP/SJRP), está vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq), coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília).



grafias não-convencionais de palavras que ainda ocorrem nos textos desses estudantes.

Quanto às grafias não-convencionais, serão consideradas apenas aquelas decorrentes da troca de <e, o> por, respectivamente, <i, u>, como em “filizes” (“felizes”) e “descubriu” (“descobriu”) e de <i, u> por, respectivamente, <e, o>, como em “enfancia” (“infância”) e “logar” (“lugar”). Desse modo, não foram consideradas as ocorrências “preucurou”, “inagualável”, “paracendo” e “pudir”, em que a grafia não-convencional se daria pela substituição por outras vogais ou ditongo, que não teriam relação com a variação na realização das vogais médias na fala, que é o foco deste trabalho.

Quanto à seleção dos dados, compreendidos pelas grafias convencionais e não-convencionais, dentre as palavras que continham os grafemas <e, i, o, u>, excluímos: (a) nomes próprios que, por não terem uma grafia determinada, não permitem observar a relação entre as grafias dos escreventes e a convenção ortográfica institucionalizada; (b) nomes de países que, por existirem grafias baseadas em línguas estrangeiras, extrapolam os objetivos desta investigação, que se restringe à ortografia da língua portuguesa; (c) palavras de classes gramaticais como conjunções, preposições etc. que, por terem comportamento diferenciado quanto às características fonológicas, dificultam a análise do comportamento da vogais pretônicas, como se faz com nomes e verbos; (d) palavras não dicionarizadas ou em uso não institucionalizado, como “tremilhonário” e “zuar”, por impossibilitarem uma relação semelhante à que se estabeleceria com as demais palavras dicionarizadas; (e) palavras rasuradas ou para as quais tivemos dificuldades de interpretação do manuscrito por não favorecerem a identificação da vogal como sendo <e> ou <i>, por exemplo; (f) palavras cujas grafias não-convencionais envolvem outras questões, como “mode” (moeda) e “derrepente” e “com binação”, que se referem, respectivamente, à grafia de ditongo e à segmentação de palavras, particularizando-as frente às demais grafias consideradas.

Além das palavras citadas, alguns contextos linguísticos foram excluídos da análise, por também apresentarem características que os particularizam em



relação aos demais considerados, impossibilitando, assim, a comparação. Para a delimitação desses contextos, baseamo-nos na descrição do fenômeno de *alçamento*, na variedade de SJRP, conforme Silveira (2008), para os nomes (substantivos e adjetivos), e Carmo (2009), para os verbos.

Neste trabalho, observa-se: a) as grafias de palavras com ortografia em <e, o>, quando há possibilidade de a realização fonética não coincidir com a convenção ortográfica, como em “pedido”, que, devido ao *alçamento* da vogal /e/, realiza-se como “p[i]dido”; b) as grafias de palavras com ortografia em <i, u>, cuja realização fonética coincide com a ortografia, como “infância” e “fugir”, mas que, apesar dessa coincidência, podem gerar dúvidas nos escreventes, pela semelhança com contextos em que há variação, evidenciadas pelas chamadas *hipercorreções*, como em “enfância” e “fogir”.

Em consonância a esses objetivos, foram excluídos os contextos em que, na fala, não se espera a ocorrência do fenômeno de *alçamento* e, assim, há pouca possibilidade de não coincidirem o grafema e o fonema, como em: (a) vogal inicial <e, i, o, u>, como em “irmão” e “orelha” (exceto quando <e, i> é seguido de <s, x, n, m> na mesma sílaba, como será explicitado a seguir); (b) certos prefixos, que podem apresentar uma fronteira de palavra em relação ao vocábulo a que está afixado, impossibilitando a harmonização vocálica⁹ e, portanto, diminuindo a possibilidade de variação, como em “previsão” (exceto o prefixo “des-”, como será explicitado a seguir); (c) vogais pretônicas em ditongos, que, por estarem seguidas de uma semivogal, apresentam um comportamento fonológico particular, que impossibilita a ocorrência de *alçamento*¹⁰, como <e> em “preocupado”¹¹.

⁹ A esse respeito, cf. Collischonn (1999).

¹⁰ Um breve comentário a esse respeito pode ser encontrado em Carmo (2009).

¹¹ Cabe esclarecer a aparente contradição que pode sugerir a exclusão dos dados que apresentam os contextos fonológicos ora descritos por não se esperar variação fonética na realização das vogais /e, o/ pretônicas e a inclusão de dados cujos contextos fonológicos também não têm variação na realização das vogais /i, u/ pretônicas. Tais exclusões e inclusões se justificam a partir do objeto pesquisado, que é a grafia não-convencional das vogais pretônicas pela troca não-convencional de <e, o> por, respectivamente, <i, u> – como “pidido” e “bunitinho” – ou de <i, u> por, respectivamente, <e, o> – como “enfância” e “fogir”. Nos contextos em que as vogais /e, o/ são grafadas com <e, o>, respectivamente, e não se realizam como [i, u] não são esperadas



Análise dos dados

Nesta seção, tratamos, a partir do levantamento das grafias convencionais e não-convencionais de vogais pretônicas que apresentam os contextos linguísticos selecionados, resultados que possam ser reveladores da relação que os dados de grafias não-convencionais de <e, i, o, u>, quer do tipo *transcrição fonética*, quer do tipo *hipercorreção*, podem manter com os dados de fala, relativos ao alçamento das vogais pretônicas na variedade de SJRP.

Quanto ao resultado geral, identificamos 16.296 ocorrências de grafias convencionais e não-convencionais de <e, i, o, u>, em palavras com sílabas pretônicas no *corpus*. As grafias não-convencionais contabilizaram apenas 261 ocorrências ou 1,6% do total, resultado compatível com o esperado para estudantes de quinta série, uma vez que tiveram um período, relativamente longo, de contato com textos escritos e com a convenção ortográfica, ao menos no que proporcionaram os cinco anos de escolarização no EF.

Quanto às grafias não-convencionais encontradas, foram classificadas de acordo com a proposta de Cagliari (1998). Dentre as classificações propostas por esse pesquisador, relacionam-se com nosso trabalho os chamados *erros por transcrição fonética* e os *erros por hipercorreção*, aos quais nomeamos, respectivamente por *grafia não-convencional por transcrição fonética* e *grafia não-convencional por hipercorreção*. Para o autor, o erro por *transcrição fonética* mantém relação com o princípio acrofônico do alfabeto, de modo que seria decorrente da tentativa de representar os sons da fala na escrita, a partir dos nomes das letras, como acontece na primeira sílaba da ocorrência “engenheiro” (“engenheiro”), cuja realização da sílaba pretônica é [i], semelhante ao nome do

grafias não-convencionais pela escolha, respectivamente, de <i, u>, que se justifiquem a partir de uma relação entre fala e escrita. No entanto, para os contextos de /i, u/, que também não têm realização variável, onde a ortografia prevê <i, u>, são esperadas, e ocorrem com frequência, grafias com <e, o>, devido à semelhança entre esses contextos e os contextos em que há variação na realização de /e, o/. Por esse motivo, excluímos os contextos em que /e, o/ não terão realizações variáveis em, respectivamente, [e ~ i], [o ~ u], e incluímos os contextos de /i, u/ que, apesar de não terem realizações fonéticas variáveis, apresentam grafias flutuantes na escrita.



grafema <i>, mas está prevista a grafia <e> para a vogal dessa sílaba. O erro por *hipercorreção* seria decorrente da generalização de uma regra de um contexto a outros semelhantes, como na primeira sílaba de “enfancia” (“infância”), em que o reconhecimento de que <e> na escrita, muitas vezes, representa [i] da fala, como na palavra “engenheiro”, levaria à escolha de <e> no lugar de <i>, resultando em grafias não-convencionais.

O resultado do levantamento quantitativo dos tipos de grafias não-convencionais encontrados no *corpus* mostrou que, de modo geral, há uma distribuição uniforme entre os dois tipos considerados, apresentando uma pequena tendência à *transcrição fonética* – com 134 ocorrências (51,3%) – em relação à *hipercorreção* – com 127 ocorrências (48,7%). Considerados esses dois tipos de grafias não-convencionais de vogais pretônicas em relação aos dois contextos fonológicos em que ocorrem alçamento vocálico, apresentamos a Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos dados nos diferentes contextos

Tipos de grafias não-convencionais	Alçamento praticamente categórico	Alçamento variável
<i>Transcrição fonética</i>	1,50% (56/3.719)	0,62% (78/12.578)
<i>Hipercorreção</i>	1,13% (42/3.719)	0,68% (86/12.578)
Total	2,63% (98/3.719)	1,30% (164/12.578)

Os percentuais¹² de grafias não-convencionais, dentre o total de ocorrências de palavras com vogais <e, i, o, u>, em cada contexto de sílaba pretônica, são, em maior proporção, em contextos de alçamento praticamente categórico (total de 2,63%) – sendo 1,50% por *transcrição fonética* e 1,13% por *hipercorreção* – do que em contextos de alçamento variável (total de 1,3%) –, sendo 0,62% por *transcrição fonética* e 0,68% por *hipercorreção*. Esses dados percentuais, de modo geral, não nos permitem sugerir uma tendência dos escreventes quanto a grafarem a partir do reconhecimento do princípio acrofônico

¹² Os percentuais são obtidos a partir da proporção de grafias não-convencionais dentre o total de grafias de <e, i, o, u> nos contextos considerados.

do alfabeto – *transcrição fonética* – ou a partir do reconhecimento da não-biunivocidade entre grafemas e fonemas – *hipercorreção*.

Como apresentado na descrição dos dados selecionados para análise, são três os contextos de alçamento praticamente categórico, a saber: (i) <e> seguido de <n, m, s, x>, como em “entulho”, “emprego”, “esperto” e “exportação”; (ii) <e> nas sílabas pretônicas “des”, seja essa sílaba prefixo, como em “desempregado”, ou não seja, como em “desmaiar”; e (iii) <e, o> em contexto de hiato, como em “cadeado” e “moeda”. Similarmente, consideramos os mesmos contextos segmentais para as vogais <i, u>, a saber: (i) <i> seguido de <n, m, s>, como em “infância”, “importante”, “história”; (ii) <i> nas sílabas pretônicas “dis” como em “disparado”; e (iii) <i, u> em contexto de hiato, como em “miado” e “amuado”. Observamos, a partir da Tabela 2, que, dentre esses três contextos, são mais frequentes, percentualmente, em relação aos acertos para cada contexto, as grafias não-convencionais no contexto (ii), com 18% de ocorrências (sendo 12% por *transcrição fonética* e 6% por *hipercorreção*). Porém, esse é o contexto com menor número de ocorrências (com 18 em 100 ocorrências do contexto), em relação ao total de 2.322 ocorrências do contexto (i) e a 1.302 ocorrências do contexto (iii). A pouca recorrência de palavras no contexto (ii) não é exclusividade da amostra trabalhada, mas é resultado da proporção desse contexto na língua portuguesa. Essa característica do contexto (ii) pode, portanto, ter levado à diferença de porcentagem observada entre os resultados.

Tabela 2. Distribuição dos dados em contextos de alçamento praticamente categórico

Tipos de grafias não-convencionais	Contextos de alçamento praticamente categórico		
	(i)	(ii)	(iii)
<i>Transcrição fonética</i>	0,99% (23/2.322)	12% (12/100)	1,61% (21/1.302)
<i>Hipercorreção</i>	1,12% (26/2.322)	6% (6/100)	0,77% (10/1.302)
Total	2,11% (49/2.322)	18% (18/100)	2,38% (31/1.302)

Buscando investigar as características das vogais pretônicas na fala, relevantes para este estudo, fez-se uma inspeção acústica de dados de fala de



sujeitos da variedade de SJRP, com palavras que contêm vogal pretônica nos três contextos de alçamento praticamente categórico¹³. Nos contextos (i) e (iii), a vogal alçada aproximava-se, acusticamente, mais da vogal alta /i/ que da vogal média /e/, com frequências de F1 279,1Hz e F2 2895,2Hz¹⁴. No contexto (ii), especificamente, os resultados encontrados no espectrograma não evidenciaram presença de vogal, de modo que apareciam apenas as consoantes [dz] ou [ds]. Essa característica fonética desse contexto (ii), isto é, o fato de, na realização dessa sílaba pretônica, não haver, necessariamente, a realização de vogal, somada a pouca recorrência desse contexto na língua e, conseqüentemente, na escrita, podem, também, ter levado os escreventes a uma maior dúvida na grafia desse contexto.

Os dados de grafias não-convencionais em contextos de alçamento variável foram, primeiramente, divididos a partir da qualidade da vogal em coronal <e> ou dorsal <o>, em função da relação que pode ser estabelecida entre as vogais médias-altas na escrita e na fala, pois /e, o/ têm, na fala, comportamento distinto com relação ao alçamento¹⁵. Similarmente, consideramos as grafias com <i> como coronais, e as com <u> como dorsais. Os resultados obtidos para esses contextos podem ser observados na Tabela 3.

¹³ Agradecemos os comentários e as sugestões da professora Dra. Larissa Berti (UNESP/Marília) na execução da inspeção acústica.

¹⁴ Analisamos as frequências relativas de vogais, em frases lidas e gravadas, em três repetições, por três informantes do sexo feminino. Na realização das vogais médias-altas, as médias das frequências encontradas foram, para [e], F1 445.4Hz e F2 2498.5Hz e, para [o], F1 445.1Hz e F2 774.1Hz. Nas vogais altas, as médias das frequências medidas foram, para [i], F1 256.1Hz e F2 2373Hz e, para [u], F1 273.5Hz e F2 905.6Hz. Nas vogais alçadas, os resultados das médias das frequências medidas foram, para /e/ alçado, F1 279.1Hz e F2 2895.2Hz e, para /o/ alçado, F1 302.9Hz e F2 864,1Hz. Assim, verificou-se que as frequências de F1 e F2 das vogais médias alçadas aproximam-se mais das vogais altas do que das vogais médias.

¹⁵ Em Bisol (1981), podem ser encontradas informações a respeito da diferença com relação ao alçamento para as coronais e as dorsais, bem como nos trabalhos de Silveira (2008) e Carmo (2009) para a variedade dos sujeitos falantes-escreventes analisados neste trabalho.



Tabela 3. Distribuição dos dados em contextos de alçamento variável

Tipos de grafias não-convencionais	Contextos de alçamento variável	
	Coronais	Dorsais
<i>Transcrição fonética</i>	0,52% (41/7.799)	0,79% (38/4.780)
<i>Hipercorreção</i>	0,89% (70/7.799)	0,33% (16/4.780)
Totais	1,42%(111/7.799)	1,12% (54/4.780)

As grafias não-convencionais do tipo *transcrição fonética* se distribuem de modo mais próximo em número e em porcentagem entre os contextos de coronais (0,53%) e os de dorsais (0,80%). Ou seja, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção do princípio acrofônico do alfabeto – <i> pode representar [i], e <u> pode representar [u] –, não se observa diferença percentual entre os dados relativos à substituição de <e> por <i> e de <o> por <u>. No entanto, levando-se em conta as ocorrências por *hipercorreção*, há porcentagem maior de grafias não-convencionais em contexto de coronais (0,90%) do que em contexto de dorsais (0,33%). Sendo assim, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção da não-biunivocidade entre fonemas e grafemas da escrita – de que [i], também, pode ser representado por <e> e [u], por <o> –, há uma predominância pela substituição de <i> por <e>, em relação à substituição de <u> por <o>. Uma possível explicação para essa porcentagem maior de grafias não-convencionais por *hipercorreção*, em contexto de vogal coronal, será dada a seguir.

O fenômeno de *alçamento* das vogais pretônicas, na variedade de SJRP, bem como a comparação dessa variedade em relação a outras variedades das regiões sul e sudeste, foi estudado por Silveira (2008), para os substantivos e adjetivos, e por Carmo (2009), para os verbos. Essas autoras constataram que o fenômeno é mais recorrente para as coronais do que para as dorsais. Ou seja, a realização de /e/ como [i] é mais recorrente que a realização de /o/ como [u]. Diferentemente do que poderia ser esperado para os dados de escrita, com relação ao tipo de grafia não-convencional para as coronais, como dissemos, foi encontrado no *corpus* mais ocorrências do tipo *hipercorreção* que do tipo



transcrição fonética. Ou seja, se os escreventes se baseassem apenas em sua fala, seriam esperadas mais substituições de <e> por <i> – *transcrição fonética* – do que de <i> por <e> – *hipercorreção* –, contrariamente ao que foi encontrado nos dados. Esse resultado demonstra a percepção de variação na realização de vogais na fala, bem como da heterogeneidade da ortografia quanto aos critérios que são utilizados ao serem fixadas grafias para as palavras. As características das coronais na fala permitem, pois, afirmar que frequentemente, o grafema <e>, na sílaba pretônica, não coincide com o som da fala, uma vez que, em decorrência da grande recorrência do fenômeno de alçamento para as coronais, sua realização fonética é, muitas vezes, [i]. A recorrência dessa não-coincidência entre grafema e fonema, para as coronais, pode ter levado os escreventes a optarem preferencialmente por <e>, nos momentos de dúvidas, em que, na fala, poderia ser [i]. Na ortografia, no entanto, os contextos em que na fala é [i] podem ser grafados tanto com <e>, quanto com <i>, de modo que, quando a escolha do escrevente por <e> não resultou na grafia estabelecida pela convenção ortográfica, ocorreu uma grafia não-convencional por *hipercorreção*.

Embora tenhamos considerado inicialmente as classificações propostas por Cagliari (1998) como grafias não-convencionais por *transcrição fonética* ou grafias não-convencionais por *hipercorreção*, entendemos como necessária uma discussão a respeito de tais classificações. Dizer que as grafias foram motivadas por uma espécie de transcrição da fala não significa dizer que o escrevente não tenha se baseado, também, no reconhecimento da heterogeneidade da ortografia ao formular sua hipótese sobre a grafia da palavra. Do mesmo modo, seria um equívoco dizer que as grafias não-convencionais por *hipercorreção* não evidenciam o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético e o fonológico da língua, como acabamos de demonstrar.

Por notar que todas as grafias não-convencionais podem evidenciar o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético-fonológico da língua, optou-se por analisar os dois tipos de grafias não-convencionais conjuntamente, a partir dos contextos em que ocorreram. Essa análise será realizada, a seguir, com relação aos dados em contexto de alçamento variável.

É importante retomar, com relação à ocorrência do fenômeno de *alçamento* na fala, que há, na literatura em fonologia, basicamente, duas explicações para a realização fonética das vogais médias ser semelhante à das vogais altas. Camara Jr. (1970) e Bisol (1981), por exemplo, explicam a partir da *harmonização vocálica*, que se dá quando a vogal média se realiza como uma vogal alta por influência de uma vogal alta da sílaba seguinte, como em “acustumado”. Abaurre-Gnerre (1981) propõe, também, uma explicação por meio da *redução vocálica*, que se caracteriza por haver o levantamento de altura da vogal média por influência das consoantes adjacentes – as consoantes sibilantes /s/ e /z/ influenciariam /e/, as consoantes labiais influenciariam /o/ e as consoantes dorsais, devido à sua articulação alta, influenciariam ambas as vogais, como em “fuguete”. Neste trabalho, consideramos essas duas motivações para o fenômeno de alçamento, observando os contextos apontados por esses autores, a fim de que possamos estabelecer uma relação coerente entre os dados de escrita e os de fala.

Foram analisadas todas as grafias não-convencionais encontradas em contextos de alçamento variável, observando-se os contextos em que o grafema empregado não está de acordo com a convenção. Como pode ser constatado na Tabela 4,¹⁶ o resultado da análise mostrou que todos os grafemas de vogais utilizados em desacordo com a convenção são contextos propícios para a vogal média se realizar como uma vogal alta.

Tabela 4. Distribuição dos dados em contextos de alçamento variável

	Vogal alta na sílaba seguinte		Consoante adjacente influente	
	<e, i>	<o, u>	<e, i>	<o, u>
Transcrição fonética	31 (41)	29 (38)	26 (70)	7 (16)
Hipercorreção	40 (41)	38 (38)	70 (70)	15 (16)

¹⁶ É dado o número de ocorrências para cada tipo seguido do total de contextos identificados entre parênteses.



Verifica-se que onde a grafia de <e, i, o, u> não coincidiu com a ortografia estabelecida, havia ou uma vogal alta nas sílabas subsequentes, levando, na fala, ao alçamento por *harmonização vocálica*, ou uma consoante adjacente anterior ou seguinte, com traços que influenciariam a elevação de altura, caracterizando, na fala, o alçamento por *redução vocálica*. Portanto, independentemente de ser grafia não-convencional por *transcrição fonética* ou por *hipercorreção*, constata-se haver informação na estrutura da palavra que poderia levar à realização fonética de vogal alta – [i, u] – o que pode ter levado às grafias não-convencionais.

Com relação aos contextos de alçamento praticamente categórico, ou seja, contextos em que praticamente não há variação e as vogais médias são sempre realizadas como as altas, podemos chegar à conclusão semelhante à dos dados de alçamento variável. As grafias não-convencionais por *transcrição fonética* e por *hipercorreção*, nesses contextos, podem ter tido motivação advinda da realização fonética dessas vogais, levando o escrevente a interpretar [i, u] de dois modos: i) como vogal alta /i, u/, grafando <i, u>, respectivamente; ii) como vogal média /e, o/ alçada, grafando com <e, o>, respectivamente.

As grafias não-convencionais e as narrativas

Nesta seção, analisamos duas grafias não-convencionais de vogais pretônicas considerando o contexto em que ocorrem. Argumentamos que essas grafias não ocorrem de maneira aleatória no texto, mas dão indícios de haver uma tentativa por parte do escrevente em adequar o texto ao que recomenda a prática escolar.

Identificamos que essa tentativa trata-se da relação que o escrevente faz entre o código escrito institucionalizado e seu aspecto de reprodução. Quando nos referimos ao caráter reprodutor de certas escolhas dos escreventes nos reportamos ao fato de a representação da escrita como código escrito institucionalizado produzir a projeção de um modelo a ser repetido (CORRÊA, 2004, p. 172). Na construção deste modelo, tem papel central o processo de escolarização, que faz a mediação entre o contato do escrevente com textos de



diversas naturezas. Embora não devam ser desprezados outros espaços por onde circula o escrevente e que, portanto, o constituem, também, em sua relação com a escrita, o papel central da escola se estabelece na medida em que é a instituição socialmente responsável pela alfabetização e pelo ensino da escrita.

A representação do código escrito institucionalizado enquanto um modelo de escrita a ser reproduzido foi notado em diversos trechos dos textos analisados, especialmente naqueles em que se encontravam as *hipercorreções*. Sobre essa representação, Corrêa (2004) destaca o fato de

que o fator condicionante básico do aparecimento dessas representações é sempre o caráter de réplica – em geral, tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar tradicional [...] e não a sua relação com características tidas como absolutas da escrita em geral. (CORRÊA, 2004, p. 168)

Quanto a essa tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar, exemplificamos por meio da análise de grafias não-convencionais em textos narrativos. Lembramos, pois, que essa é a tipologia textual principal trabalhada na quinta série, de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo em 2008. A proposta consistia na continuação da narrativa iniciada por uma tirinha que apresentava um casal que, ao fugir, é seguido pelo pai da personagem feminina. Nos textos produzidos nessa atividade, houve, muitas vezes, os tradicionais finais de narrativas como “e viveram felizes para sempre”. Esse desfecho tradicional indica, por um lado, a inserção desses escreventes em práticas letradas/escritas que envolvem as narrativas infantis e, por outro, a tentativa de ascensão ao lugar estabelecido pela instituição, a partir da representação de escrita culta a ser reproduzida. Sejam ou não essas práticas mediadas pela escola, o escrevente parece almejar uma escrita tida como ideal. Essa representação da escrita como um código escrito institucionalizado que leva à reprodução de padrões tidos como ideais, coincide, pois, com a representação de uma autonomia do escrito em relação ao falado – identificada, nos dados, pela



grafia não-convencional por *hipercorreção*, como exemplifica “veveram”, na Figura 2.

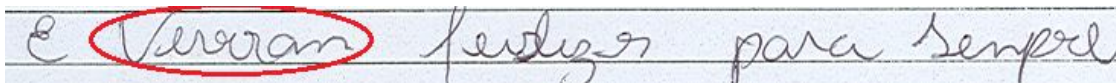


Figura 2. Fonte 5A_10_01

Interpretamos essa grafia não-convencional de vogal pretônica com base nos comentários de Corrêa (2004) a respeito das segmentações não-convencionais de palavras como marcas do imaginário sobre o código escrito institucionalizado: “embora o critério fundamental do escrevente seja seguir o ‘modelo de escrita’, segui-lo significa orientar-se pela representação que se faz desse modelo” (CORRÊA, 2004, p.223). As grafias não-convencionais de vogais por *hipercorreção*, muitas vezes, parecem estar aliadas à representação de modelo de escrita de narrativas, como exemplificado na Figura 2. Não é de se negligenciar, porém, que essa tentativa de reprodução de modelo permite, também, observar a marca de individuação do sujeito que

se dá pelo movimento entre a reprodutibilidade de uma prática [...] e o dado de ineditismo por meio do qual o escrevente se representa nessa prática (momento em que o escrevente assume como sendo da alçada pessoal a formulação de seu texto). (CORRÊA, 2004, p. 226)

Essa relação entre a reprodutibilidade e o ineditismo apontada por Corrêa (2004) pode ser observada na Figura 3, particularmente, pelo enunciado “e veveu triste para sempre”: ao mesmo tempo em que o escrevente demonstra ter conhecimentos letrados, marca sua autonomia na escrita na medida em que subverte o enunciado tradicional final de narrativa “e viveram felizes para sempre”, a partir da escolha do adjetivo “triste” no lugar do adjetivo “feliz” e pelo uso do singular (“veveu”) em vez de plural (“viveram”), sugerindo a solidão da personagem.

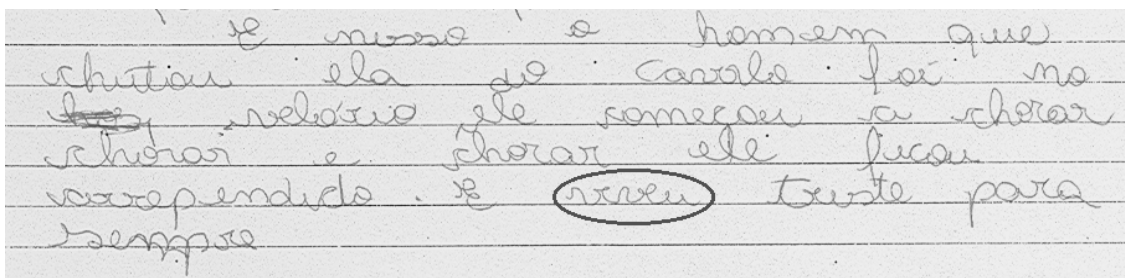


Figura 3. Fonte 5A_24_01

Os dados de ineditismo indicam, também, uma aproximação entre a escrita dos escreventes e seu mundo. Para este dado, entendemos que, ainda que o escrevente busque uma recriação do enunciado, essa continua associada à representação do código escrito institucionalizado, na medida em que se mantêm as características estruturais do “modelo” utilizado, como a posição no final do texto, a estrutura sintática e as escolhas lexicais – “e viveu [adjetivo] para sempre”. Tal modelo de escrita tomado pelo escrevente aparece novamente associado ao código escrito institucionalizado, por uma imagem de escrita legitimada pelas instituições e, portanto, autônoma em relação à oralidade/fala, como representado pela grafia não-convencional por hipercorreção da vogal pretônica da palavra “veveu”.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos as *grafias não-convencionais* de vogais pretônicas em verbos e não-verbos em textos de estudantes de quinta série (sexto ano) do EF. A análise foi feita a partir da assunção da tese da heterogeneidade da escrita e da ortografia. A heterogeneidade da escrita nega a possibilidade de interferência da fala na escrita, na medida em que se caracteriza a partir do encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Por conseguinte, as grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, longe de serem “erros” por influência da fala, são concebidas como resultados da percepção, por parte do escrevente, da relação que o alfabeto mantém com o



fonético/fonológico da língua, e as grafias por *hipercorreção*, por outro lado, também não são reduzidas à aplicação “errada” de uma regra ortográfica, na medida em que são resultados da percepção da não-biunivocidade entre letras e sons. Essas percepções de aspectos da ortografia, muitas vezes, conduzem os escreventes a grafarem segundo a convenção ortográfica, porém, são essas mesmas percepções que os levam a grafar de modo não-convencional, conforme buscou-se demonstrar.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.

CAMARA, J. M. Jr. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARMO, M. C. *As vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. [s.l.]: Objetiva, 2009.



MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das Letras: a escola na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fapesp, 1999.

Parâmetros curriculares nacionais: língua Portuguesa. 1997. Brasil: Secretaria de Educação Fundamental.

Proposta curricular do Estado de São Paulo: língua portuguesa. 2008. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

VIEGAS, M do C. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 231f. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

Resumo: Neste artigo, tratamos de grafias não-convencionais de vogais pretônicas <e, i, o, u>, por haver a possibilidade de aplicação variável do alçamento vocálico de /e, o/ em sílaba pretônica na variedade falada pelos sujeitos que produziram os textos analisados. Classificamos essas grafias em dois tipos: por transcrição fonética (como “pidido” e “mueda”) e por hipercorreção (como “enfância” e “logar”). Identificamos, como esperado, baixa ocorrência de grafias não-convencionais e distribuição semelhante entre os tipos considerados. A partir da assunção da tese da heterogeneidade da escrita, argumentamos sobre como possíveis representações da escrita e da ortografia motivam a ocorrência dessas grafias não-convencionais em textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental.

Abstract: In this paper, we deal with unconventional spellings of unstressed vowels <e, i, o, u>, because there is the possibility of applying the variable rule of rising vowel /e, o/ in unstressed syllables in the variety spoken by the subjects who produced the texts analyzed. We classify these spellings into two types: a phonetic transcription (as “pidido” and “mueda”) and overcorrection (as “enfância” and “logar”). We identified, as expected, low occurrence of unconventional spellings and similar distribution of them between the types considered. From the assumption of the heterogeneity of writing, we argue how possible representations of writing and spelling motivate the occurrence of unconventional spellings in the texts of students from fifth grade on elementary school.

Palavras-chave: vogais; ortografia; oralidade; letramento.

Keywords: vowels; orthography; orality; literacy.